

LINGUAGEM, ORALIDADE E MEMÓRIA NO CARNAVAL  
DO INTERIOR: TRANSCRIÇÃO DO BLOCO  
“INDIANOS” DE SÃO JOÃO DA BARRA

*Jhonatan da Silva Martins* (UENF)

[jhonatan\\_martins19@hotmail.com](mailto:jhonatan_martins19@hotmail.com)

*Lilian Sagio Cezar* (UENF)

[lsagio@hotmail.com](mailto:lsagio@hotmail.com)

RESUMO

O município fluminense de São João da Barra possui um expressivo carnaval de rua do interior do Rio de Janeiro, constituído por desfiles de escolas de samba, blocos de ruas entremeados por desfile do bloco “Indianos”, que mantém a tradição da marcha-rancho desde sua fundação em 1930, sem sofrer transformações em sua estrutura original. O “Indianos” foi um dos primeiros blocos carnavalescos da cidade que não se alterou temporalmente, principalmente, com o envolvimento dos diferentes atores sociais tanto na apresentação do desfile na avenida do samba quanto em manter a tradição do bloco por meio da oralidade. O presente artigo pretende descrever o desfile de carnaval 2019 do bloco “Indianos”, de São João da Barra, propondo traçar análise do uso da história oral como ferramenta que auxilia nesse processo de construção das histórias dos próprios sujeitos no carnaval. Tendo vista, a falta material teórico sobre o bloco “Indianos” ou até mesmo sobre o carnaval da cidade, a história oral vai possibilitar criar um acervo escrito, a partir da oralidade dos participantes. Para a metodologia, utilizaremos pesquisa qualitativa a partir da revisão bibliográfica, breve contextualização da história do carnaval no Brasil e a influência no interior do Estado do Rio de Janeiro e a transcrição do desfile 2019 do bloco “Indianos”, através, da observação direta. Identificamos a necessidade de criar registros escritos sobre o bloco “Indianos”, entendendo a importância da relação de vivência e da oralidade dos sanjoanenses na tradição popular local.

Palavras-chave:

Linguagem. Bloco “Indianos”. História oral.

ABSTRACT

The Rio de Janeiro municipality of São João da Barra has an expressive street carnival, consisting of samba school parades, street blocks interspersed with the parade of the “Indianos” block that maintains the tradition of the marcha-rancho since its foundation in 1930, without going through changes in its original structure. The “Indianos” was one of the first carnival blocks in the city that has not changed temporally, mainly, with the involvement of the different social actors both in the presentation of the parade in the samba avenue and in maintaining the tradition of the block through orality. The present article intends to describe the 2019 carnival parade of the “Indianos” block, from São João da Barra, proposing to trace an analysis of the use of oral history as a tool that assists in this process of construction of the stories of the subjects themselves in carnival. Considering the lack of theoretical material about the “Indianos” block or even about the city’s carnival, oral history will make it possible

to create a written collection from the orality of the participants. For the methodology, we will use qualitative research from the literature review, brief contextualization of the history of carnival in Brazil and the influence in the interior of the State of Rio de Janeiro and the transcription of the 2019 parade of the “Indianos” block, through direct observation. We identified the need to create written records about the block “Indianos”, understanding the importance of the living relationship and the orality of Sanjoanenses in the local popular tradition.

**Keywords:**

**Language. “Indian” Block. Oral history.**

## **1. Introdução**

O município fluminense de São João da Barra<sup>127</sup>, pequena cidade localizada na última extensão da margem direita do Rio Paraíba do Sul, até seu encontro com o mar, vem produzindo há um século seu carnaval de rua e mantém a tradição das agremiações e blocos de carnaval que se apresentam anualmente na “avenida do samba”<sup>128</sup>. O bloco “Indianos”, desde sua fundação, em 1930, apresenta a tradição da marcha-rancho, que é performada neste município, sem perder as origens de sua fundação e a beleza dos carros alegóricos e suas fantasias.

O presente artigo pretende descrever o desfile de carnaval do ano de 2019 do bloco “Indianos”, de São João da Barra, propondo traçar uma análise do uso da história oral como ferramenta que auxilia nesse processo de construção das histórias dos próprios sujeitos no carnaval. O carnaval de São João da Barra, interior do Estado do Rio de Janeiro, possui histórias, tradições e memórias de extrema relevância para a cultura local. Para compreender a importância dos blocos, agremiações nas brincadeiras de carnaval, precisamos retomar a própria história do carnaval e sua chegada às terras brasileiras, compreendendo a participação dos próprios realizadores da festa de carnaval, principalmente, a influência da cidade grande nas cidades do interior do Estado.

A festa é um campo amplo e composto por diferentes elementos estruturais como dança, sonoridade, corporeidade, rituais, entre outros. De alguma forma, possibilita a produção de conhecimento, apropriando e

---

<sup>127</sup> Município com população estimada em 36.102 habitantes (IBGE, 2019), localizado na região Norte Fluminense. Seus primeiros relatos de povoamento datam do início da colonização portuguesa no Brasil. Sua fundação é em 1676, quando o povoamento é elevado à Vila. Em 1850, torna-se cidade.

<sup>128</sup> É na Rua Joaquim Thomaz de Aquino Filho que acontece o carnaval de São João da Barra.

criando diferentes formas na festa. O indiano Homi Bhabha (2013) nomeou como “*entrelugar*” o potencial de encontros e desencontros, podendo ser relacionado a um espaço para linguagem e discursos. O autor definiu esta ideia como espaço que de produção de significados diversos e, portanto, construção de sentidos, a partir dos próprios discursos.

Os procedimentos metodológicos para a realização deste artigo envolvem métodos de pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica acerca de conceitos envolvidos com a história carnaval, bem como tradição e memória. Há também breve contextualização da história do carnaval no Brasil, sua influência no interior do Estado do Rio de Janeiro e a transcrição do desfile 2019 do bloco “Indianos”, através da observação direta do carnaval. Identificamos a necessidade de criar registros escritos sobre o bloco “Indianos”, entendendo a importância da relação de vivência e da oralidade dos sanjoanenses na tradição popular local.

Por fim, o carnaval é o principal objeto de articulação entre linguagem, oralidade no contexto histórico de memória, linguagem e tradição dos foliões envolvidos com os festejos. O trabalho, inicialmente, apresenta três divisões, sendo o primeiro “Carnaval brasileiro: historicidades dos festejos do Momo” o segundo “O bloco “indianos” de São João da Barra: transcrição do desfile 2019” e o terceiro “Memória, tradição e oralidade: breve contextualização”. Partindo de autores que possam dialogar com a temática do carnaval.

## **2. Carnaval brasileiro: historicidades dos festejos do momo**

A tradição do carnaval brasileiro chegou ao Brasil pelos portugueses e tornou-se potência a partir da vinda da Família Real em 1808. O entrudo era constituído por brincadeiras e folguedos<sup>129</sup> - festas, brincadeiras – realizados na quaresma, alguns dias antes da Páscoa. O entrudo é expressão popular de origem portuguesa onde as pessoas arremessavam, nas pessoas que passam nas ruas, objetos que sujassem e molhassem, como limões de cheiro (espécie de bexigas de gesso com água perfumada ou malcheirosa em seu interior) e farinha (GOÉS, 2013; FERREIRA, 2013). Segundo Góes, a partir da década de 1840, o entrudo chama a atenção, passando a ser considerado como sujo e desordeiro pelas elites

---

<sup>129</sup> Folguedo é festa popular; festa de caráter popular e tradicional que traz os costumes ou hábitos de um povo, de uma região: folguedo do Bumba Meu Boi. Definição tirada de: [dicio.com.br/folguedo/](http://dicio.com.br/folguedo/).

que passaram a ter inspiração no carnaval europeu, principalmente o veneziano, o qual altera a própria forma de se comemorar e brincar o carnaval, por meio de bailes de máscara.

Apesar de o entrudo não ser bem quisto por aqueles que recebiam os limões de cheiro quando passavam pelas ruas, a brincadeira apresentava como a diferença social acontecia por aqueles que participavam do carnaval, os brancos e negros. O entrudo é de longa data e está envolvido nos festejos brasileiros há muito tempo, mesmo passando por desafios e por não ser aceito pelo seu formato. Nas ruas, o entrudo era selvagem e anárquico, diferente do carnaval dos salões, organizados, luxuosos e frequentados pela alta sociedade. O entrudo expressava-se nas travessuras e extravasamento dos que não apreciavam a brincadeira. No período em que acontecia o carnaval, três dias antes da quarta-feira de cinzas, o estrafego, tumulto e confusão dominavam as ruas cariocas. Por seu jeito peculiar, o entrudo era constantemente atacado pela imprensa.

Enquanto o entrudo vinha em declínio com suas brincadeiras, nascia um novo personagem para o carnaval, o Zé Pereira. José Luiz de Oliveira (2012), numa abordagem da pequena história do carnaval carioca, menciona que a criação do Zé Pereira tem relação com o português José Nogueira de Azevedo Paredes, o qual tinha uma oficina de sapatos na Rua São João 22.

A figura do Zé Pereira que iria surgir em 1846 se constituía em um personagem que saía pelas ruas batendo um bumbo descompassado e sua prática difundiu-se rapidamente entre as camadas populares. (OLIVEIRA, 2012, p. 66)

Mesmo com toda tranquilidade e por ser uma expressão popular inofensiva para brincar o carnaval, o Zé Pereira sofreu ataques assim como o entrudo.

No final do século XIX, o carnaval passa por mudanças significativas, com o aparecimento do Entrudo, de Zé Pereira, dos Cordões<sup>130</sup>, dos Velhos Cucumbis e Ranchos, ambas as brincadeiras de origem negra, segundo Cabral (1996). Nesse período, os foliões que brincavam o carnaval de maneira desordeira e em alguns momentos violenta eram perseguidos pela imprensa e pela polícia. Enquanto o Rancho, fundado pelos negros e

---

<sup>130</sup> O Entrudo e o Zé Pereira já entravam em decadência. Os Cordões, segundo Renato Almeida, em geral, eram grupos de mascarados, velhos, palhaços, diabos, rei, rainha, sargento, baianas, índios, morcegos, mortes, etc. Vinham conduzidos por um mestre a cujo apito de comando obedeciam a todos. O conjunto instrumental era de percussão: adufos, cuícas, reco-reco etc. (*Apud* CABRAL, 1996, p. 22).

mestiços, apresentava-se de maneira organizada no carnaval, ganhando tolerância das autoridades e seu espaço por ser ordenado.

Entretanto, para a imprensa, as mudanças nas formas de participação no carnaval eram positivas.

As transformações visíveis ano a ano em sua organização não eram vistas de forma negativa. Ao contrário, evidenciavam sua atualidade como forma carnavalesca, diferenciada dos ranchos dos Reis, pelo seu caráter profano, e do entrudo e dos blocos carnavalescos mais informais, tidos como grupos barulhentos e desorganizados. (GONÇALVES, 2003, p. 92)

O entrudo, era visto como contra o carnaval, pois apresentava especificidades de diversidade nas ruas do carnaval. A imprensa, constantemente, tentava desmoralizar e desmobilizar a brincadeira do entrudo. Mesmo transparecendo, nas diversas tentativas, que o entrudo era a festa do povo, assim, uma representação da manifestação cultural do povo, pois, uma vez do povo, dele não poderia retirar essa tradição.

No fim do século XIX, já não era permitida a participação dos negros e mulatos nas festividades das ruas centrais, pois as autoridades justificavam que tais grupos eram violentos e desordeiros, “obrigando-os a se refugiarem no fundo dos pátios de cortiços e nos quintais, ou nas vielas e becos, a fim de cantarem e dançarem durante o carnaval” (OLIVEIRA, 2012, p. 70). Já nas duas primeiras décadas do século XX a música de carnaval se fixará, manifestando-se, inicialmente, na forma de marchinha e marcha-rancho ou de samba, batucada e, com o surgimento das escolas de samba, na forma de samba-enredo<sup>131</sup>.

Os ranchos e cordões são blocos carnavalescos com organizações e, conseqüentemente, com aceitações diferentes por parte da imprensa e da elite. Enquanto o entrudo, os mascarados e o cordão foram atacados pela imprensa, os ranchos deram brecha para os críticos vislumbrarem uma evolução no carnaval do povo, através de um esquema de organização previamente montado, diferente do cordão, que saía mais ao gosto do momento (Cf. CUNHA, 2001; SOIHET, 2008; GONÇALVES, 2003).

As marchinhas seriam uma “criação típica de compositores da classe média dos anos 20” (TINHORÃO, 1978, p. 121), partindo de duas principais influências. Sendo a primeira oriunda do repertório de marcha dos espetáculos teatrais portugueses.

---

<sup>131</sup> Vale ressaltar que, na formação dos ranchos, a música não era problema, na medida em que muitos dos participantes eram músicos das bandas militares e dos conjuntos de cho-ros que se estruturaram desde os finais do século XIX.

### **3. O bloco “indianos” de São João da Barra: transcrição do desfile de 2019**

Desde sua fundação até os dias atuais, os “Indianos” vêm se apresentado na avenida do samba enquanto bloco de carnaval. Joaquim, atual presidente da escola os “Indianos”, relata que em 1930 o agente funerário Luiz Malvino criou o bloco os “Indianos” como bloco de salão, saindo da própria residência e fábrica de caixões, na Rua do Rosário, em frente à escola de samba “Congos” – onde hoje é sede da ENEL (Empresa Nacional de Energia Elétrica), atual fornecedora de energia elétrica do município. Os “Indianos” participavam das festas de salão na cidade vizinha, em Campos dos Goytacazes, até se tornar um bloco de rua que tem como marcação rítmica e melódica a sua tradicional marcha rancho.

O bloco os “Indianos” esbanjava animação na avenida do desfile. Todos os corpos pintados de preto, “palhões” na cabeça, na cintura, nas pernas, em todo lugar, era sempre a mesma marcha-rancho do bloco, conhecido como chefe indiano, segundo a letra cantada na avenida do samba. O primeiro carro colocado pelos “Indianos” foi em uma “carroça de burro” enfeitada de palha e uma rede atravessada com uma índia deitada, assim, o bloco permaneceu até meados de 1958. Por volta dos anos 1970, o carnavalesco Geraldo Costa, que é tio do atual presidente, Joaquim Moreira ou “Quinzinho”, como é conhecido na cidade, juntamente com sua equipe reorganizaram os “Indianos”. Destaca-se Luiz Malvino como fundador e autor da música do bloco.

O bloco carnavalesco traz a tradição de seu carnaval, reafirmando suas raízes na “avenida do samba”. No ano de 2019, acompanhei o desfile do bloco realizando observação direta do carnaval, trazendo detalhes da apresentação que envolve o bloco “Indianos”, que desfila às segundas-feiras de carnaval em São João da Barra. Na programação do carnaval de 2019<sup>132</sup>, o bloco “Indianos” foi designado para sair às 22h na avenida do samba e a concentração do bloco aconteceu na Rua Quintino Bocaiúva, rua que fica ao lado da Praça Santo Antônio, no Centro, e vai no sentido da rua principal, em que acontece o desfile.

A concentração funciona como rito de preparação para iniciar a desfilar e apresentar o melhor na avenida para aqueles que assistem. O desfile inicia com a música do bloco “Indianos”, entram na avenida dois

---

<sup>132</sup> A programação do Carnaval local de 2019, está disponível no site da Prefeitura Municipal, em: [http://www.sjb.rj.gov.br/downloads/noticias/7239\\_270219203325\\_Programacao\\_1\\_.pdf](http://www.sjb.rj.gov.br/downloads/noticias/7239_270219203325_Programacao_1_.pdf). Acesso em: 10 de abril de 2021.

integrantes de cada lado empurrando um painel ornamentado com esteira de palha na beirada do painel que dá para o chão, painel com fundo verde com a letra do bloco, nas laterais está forrado com palha, em cima tem várias penas azuis grandes, formando um leque compondo um triângulo de palha, mais os dois integrantes vestidos de índio, bermuda feita com tecido verde até o joelho com detalhe de tecido que faz alusão à palha que cobria parte da frente e de trás, sem camisa, com cordão de cor madeira, adereço para calcanhar e um cocar pequeno com penas azuis.

Os integrantes seguem empurrando o painel no decorrer da avenida. Em seguida vem a porta-estandarte, a índia que traz a bandeira do bloco “Indianos”, vestida com uma saia média, o mesmo tecido dos integrantes que empurram o painel, que faz alusão à palha com detalhes em pequenas penas coloridas; com a parte de cima do busto aparentemente coberta de um biquíni enfeitado com o mesmo tecido da saia mais as penas coloridas, colar de bolas pequenas que assemelham a cor madeira no tamanho médio, adereço para braço com o tecido igual e pequenas penas coloridas mais o cocar médio com pequenas coloridas grandes na cabeça. A porta-estandarte vem animada pela avenida, balançando a bandeira de um lado para o outro puxando a ala das camisas do bloco, que vem atrás dela.

A ala das camisas é composta por integrantes do bloco, homens, mulheres e crianças que adquirem a camisa para participar do desfile. Além da camisa, os integrantes usam bermudas, shorts, colares, cocar e todo adereço que compor a roupa definida para a ala. A ala é volumosa, animada e com muita empolgação de todos cantando a música. Observamos a presença do presidente na ala das camisas, emocionado e cantando com efervescência a canção. Em seguida, vem um integrante, na moto, puxando um pequeno reboque que traz uma canoa colorida pintada com a imagem de um índio deitado. Na canoa há um manequim de roupa sentado, com saia de tecido em diferentes tons de verde, um enorme adorno de planta verde no pescoço mais um cocar grande da mesma planta. Acredito que seja espada-de-são-jorge, pois lembra muito a planta, porém, não tenho certeza. O manequim vai sentado na ponta da canoa, segurando uma esfera prata com branco em tamanho médio que simboliza a lua e, na outra mão, segura um cajado tamanho médio com o cabo de madeira forrado com a mesma planta. Compõe a fantasia mais uma pequena esfera branca na outra ponta.

Logo atrás da canoa vêm dois índios com a mesma vestimenta, bota marrom-claro, calças seguindo a mesma cor da bota com detalhes na

lateral da calça de tecido indiano, blusão seguindo o mesmo padrão de cor e detalhes da calça, luvas que simbolizam pintura indígena na mão, um tecido de pelo na cor laranja por cima do blusão, colar marrom com dentes brancos e na ponta um pequeno filtro dos sonhos nas cores laranja, com detalhes brancos e pretos. Um grande cocar com penas grandes seguindo as cores da fantasia, laranja, branco e preto, seguravam uma lança grande, forrada com as mesmas cores do cocar mais a ponta da lança com detalhes em penas brancas com a beirada da pena em degrade laranja e preto pendurados. Os dois, além de fantasia, usavam máscaras de índio. Notamos a diferença das fantasias do início do desfile até chegar nos dois índios mencionados acima. A vestimenta diz muito sobre a posição do integrante no bloco, assim, observamos que os dois índios possuem um *status* muito importante pelo luxo e requinte da fantasia, simbolizando seu valor no bloco.

Passando os dois índios, vem um carro, com integrantes com a blusa do bloco mais adereços de índio, puxando a oca com uma índia na frente. Uma espécie de “oca” montada com folhas de palmeira é colocada sobre um reboque médio, forrado com esteira de palha e constitui uma espécie de carro alegórico, com detalhes coloridos de penas grandes juntas em cima da oca, dos lados e na frente. Na oca tem três aves na frente e nas laterais da oca, duas caras de onça-pintada em dourado, um rosto de diferentes animais bordado com paetês de carnaval preso no entorno da oca, próximo ao rosto da onça, que está uma de cada lado da oca e mais as duas lanças marrons presas na oca, também uma de cada lado, simbolizando a entrada. Tem dois pedaços de pau presos para a índia segurar, servindo como apoio e simbolizando cajados, o formato me remete à imagem de cajado. Tal apoio está enfeitado com as mesmas penas grandes coloridas, iguais às da oca, mas com bordados nas cores laranja e dourado. A roupa da índia é composta por adereço para a cadela, penas grandes marrons com detalhes coloridos, saia média em tecido marrom, parte de cima feita com mesmo tecido da saia parecendo um biquíni, detalhe em pedra mais pena colorida para um braço e um cocar médio com penas médias coloridas.

Na sequência vem a ala dos índios, seguindo o mesmo padrão tanto na cor quanto no modelo da fantasia dos dois índios do início do desfile. Com detalhe que são muito índios nessa ala, todos os índios estão usando adereços nos dois punhos, no mesmo tom de verde da roupa e detalhes em tecido marrom. Alguns índios estão com detalhes de linhas brancas pintadas pelo corpo e outros não, alguns estão portando espín-



garda de madeira e outros não. O cocar é igual para todos, inclusive, igual aos dos dois índios do início do desfile. Os índios vêm desfilando em duas fileiras com entusiasmo e cantando a música do bloco em passos lentos no desfile do bloco.

Seguindo o desfile, vem um homem com o corpo todo pintado de preto, com sunga preta, máscara de macaco e com os trejeitos do macaco, que mexia com as pessoas que assistiam o desfile. Atrás do macaco, vinha um pequeno grupo de índios com calças de estampa de onça, tigre e um índio com calça preta. Os corpos e rostos pintados com linhas laranja e os olhos cobertos com uma faixa pintada em laranja. Usavam cocar de diferentes tamanhos e cores, porém o índio de calça preta estava com uma peruca parecendo um cabelo grande, não usava cocar. O índio de calça preta parecia ser o líder e conduzia o momento de empurrar na avenida enquanto os outros índios estavam auxiliando a empurrar a oca feita com plantas. Noto que todos os índios estavam segurando o mesmo modelo de espingarda da ala anterior.

No momento que os índios empurravam a oca, o homem que representava a figura do macaco tentava impedir o avanço dos índios. Em simultâneo, o macaco mexia com aqueles que assistiam e voltavam para a oca, os índios avistavam o macaco e impediam que o animal entrasse e atrapalhasse o avanço quando todos apontavam suas armas como se estivessem atirando no animal. Na sequência vem outro carro puxando uma jaula em folhas, aparentemente folhas de coqueiro, pois eram grandes e muito parecidas. Em cima da jaula tinha um leão preso, em tamanho médio, em forma de estátua. Tinham os índios com calças estampadas de onça, corpos e rostos pintados em linhas nas cores laranja e branco com seus cocares pequenos com penas coloridas em diferentes cores.

Chegamos ao final do desfile do bloco Indiano com o último carro, aliais o maior carro alegórico do desfile, na frente do carro trazia uma estátua de gesso, de índio em tamanho grande, com tecido verde floral cobrindo em baixo dos peitos e as costas, diversas fitas coloridas penduradas no peito do índio, colar na cor marrom pendurado no pescoço, gargantilha feita com tecido preto com detalhes dourados e um cocar grande seguindo a cor do índio, mesclado de marrom. No carro havia três ocas na vertical. Cabe mencionar que as ocas seguem o mesmo modelo da primeira oca mencionada, oca forrada com palha, mas com detalhes coloridos como penas grandes juntas em cima da oca, dos lados e na frente. Há três aves na frente e nas laterais da oca, duas caras de onça-pintada em dourado, um rosto de diferentes animais bordados com paetês de car-

naval e estampados também. Todas as imagens dos bichos estão presas no entorno da oca, próximas ao rosto da onça, que está uma de cada lado além das duas lanças marrons presas também uma de cada lado, simbolizando a entrada da oca.

Há vários pedaços de pau presos que servem como apoio para os integrantes segurarem, simbolizando cajados por conta do formato. Tais apoios estão enfeitados com as mesmas penas grandes coloridas, iguais às da oca, com a diferença de ter plantas - acredito serem artificiais - presas nos cajados que estão presos em diferentes locais no carro. A roupa das índias é composta por penas coloridas que parecem biquínis forrados com penas coloridas, adereços para os calcanhares e braços em penas coloridas iguais à fantasia das índias. Elas usam cocar colorido em tamanho médio com as mesmas penas e seguindo as cores. Todas as índias usam as mesmas fantasias.

Há os índios no carro, seguindo a fantasia dos índios do início do desfile, em tecido marrom, parte de cima feita com o mesmo tecido da saia, parecendo um biquíni, detalhe em pedra mais pena colorida para um braço e um cocar médio com penas médias coloridas. Os índios estavam vestindo bermuda feita com tecido verde até o joelho com detalhe de tecido que faz alusão à palha que cobria parte da frente e de trás, sem camisa, com cordão de cor madeira, adereço para calcanhar e braço feitos em pena e um cocar pequeno com penas azuis. Entretanto, cada índio desse carro estava com um cocar diferente, na cor azul, outros na cor verde ou amarelo, mas no mesmo tamanho.

Outro ponto interessante é que os músicos vieram nesse carro tocando seus instrumentos e fantasiados de índios, seguindo pela avenida tocando e desfilando com o bloco. Destaco que o “Indianos” desfila depois da “Vila Imperial”, escola de samba que começou a desfilar, pois a “Unidos da Chatuba” não desfila mais. A “Vila Imperial” desfila às 21h e o “Indianos” desfila às 22h, sendo 1 hora para a escola de samba e 1 hora para o bloco.

As formas populares de festejar estão ligadas não só ao lazer, como também a questões religiosas e ciclos de trabalho. A festa popular constitui-se como uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, pois é nesse espaço que ficam suspensas algumas normas sociais e outras são invertidas, para proporcionar a participação de todos no festejar e construir a tradição.

#### **4. Memória, tradição e oralidade: breve contextualização**

O carnaval de São João da Barra tem hoje uma programação vasta para todos brincarem o carnaval. Além dos desfiles das escolas de samba e blocos de carnaval e da marcha-rancho, que são tidas como tradição na cidade, acontece também concurso de mascarados e dominós, Rei Momo e rainha do carnaval, marchinhas de carnaval, além de bandinhas de carnaval, trios elétricos e abadás que compõem este carnaval do interior do Rio de Janeiro. Cabe destacar que tais inovações entram em disputa com as formas tradicionais de se brincar o carnaval, ainda que compreendamos que toda tradição é inventada, como afirmam Hobsbawm e Ranger (1984) que caracterizam a tradição como:

[...] práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM e RANGER, 1984, p. 9)

Entretanto, para Hobsbawm, um de seus interesses é o desenvolvimento das tradições e também o estudo de sua construção no contexto do Estado-nação. O autor argumenta que, muitas vezes, as tradições são inventadas por elites nacionais para justificar a existência e importância de suas respectivas nações.

Já para Japiassú e Marcondes (2001), a tradição tem origem no termo latino *traditio* e significa continuidade, permanência de uma doutrina, visão de mundo, ou conjunto de costumes e valores de uma sociedade, grupo social ou escola de pensamento que se mantém vivo pela transmissão sucessiva das memórias, através dos indivíduos que dela participam.

Martins (2019), por sua vez, traduz a memória como algo recordado do passado em pensamentos e vivências de cada indivíduo, tendo em vista,

[...] a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos ocorridos no passado. Partindo dessas definições cotidianas para um termo que perpassa por diversas áreas que já foram estudadas, entendendo como multidisciplinar também. (MARTINS, 2019, p. 36)

Destaca-se também a visão de Pesavento (2008):

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele reelabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquilo que lembra não é

mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o lembrado no plano da memória pessoal mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de um sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer. (PESAVENTO, 2008, p. 95)

Assim, os sujeitos envolvidos nas festas, partilham suas vivências, colaborando na construção de sua história por meio da memória e da oralidade, pois, nessa perspectiva, a transcrição do desfile do bloco “Indianos” é uma forma imprescindível nesse processo de preservação da memória e tradição local daqueles que vivenciam, uma vez que, não há tantas referências sobre o bloco carnavalesco. Lozano (2006, p. 16), aponta que “a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”.

A autora Leda Martins (2001) apresenta o termo *oralidade*.

A forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural [...]. (MARTINS, 2001, p. 84)

Há similaridade entre oralidade e corporeidade, pois a oralidade envolve também o corpo uma vez que, como define Setenta (2008, p. 143), pode ser considerada uma “fala construída no corpo e pelo corpo”. Recorre-se ao termo *oralidade popular brasileira* para se referir a tradições populares ou tradições orais. Assim, o conceito de oralidade sobre põe o conceito de corpo, já que para Zumthor (1997)

A oralidade não se reduz a ação da voz, mas expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica em tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar. (ZUMTHOR, 1997, p. 203)

O universo da oralidade, se iguala ao corpo, de complexo sistema no qual os sujeitos se colocam em suas memórias, onde o corpo tem um significado. Tais associações serão pertinentes ao pensamento de Paul Zumthor (2007, 1997), baseado na oralidade e *performance*, pois o autor estabelece também a relação entre corpo, oralidade e performatividade. Nesse viés, ao utilizarmos a oralidade enquanto ferramenta de arguição de dados, entendemos detalhes da cultura sanjoanense, contados por quem presenciou e vivenciou esse momento importante na sua história.

## 6. Considerações finais

Ao pesquisar esta temática, há um incentivo à possibilidade por abrir um canal de análise e perspectivas quanto ao uso da história oral como ferramenta, claro, atrelado à tradição e memória dos atores sociais que realizam o carnaval, a partir da transcrição do desfile de 2019 do bloco “Indianos”, sem perder a relação das vivências do carnaval de interior do Rio de Janeiro. Desta maneira, é promovida a construção e fortalecimento da marcha-rancho dos “Indianos”, rememorada na tradição local. Com o tema *carnaval*, buscamos pesquisas que retratassem o envolvimento da população com a festa, considerando os aspectos culturais, entendendo a tradição e as expressões culturais que perpassam a temática, através da linguagem e oralidade no bloco na avenida.

O carnaval contextualiza o maior fenômeno cultural da cidade, e mesmo com todas as transformações ao longo do tempo mantém-se como forte atrativo de turistas durante os dias de folia. O carnaval sanjoanense movimenta a economia, assim como as atrações culturais que acontecem na festa do Momo, com programação vasta e ampla para sede – São João da Barra – e seus distritos – Atafona, Grussaí e Açu.

São João da Barra tem em sua manifestação carnavalesca inúmeras características que no decorrer do tempo, foram se reinventando às novas ordens sociais e aos processos globais. O município já teve seu carnaval de clube e, hoje, há forte expressão no carnaval de rua, com mascarados, blocos de carnaval, desfile das escolas de sambas, trios elétricos e a música baiana, que participam das atividades carnavalescas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GÓES, Fred. Brasil: O país de muitos carnavais. *Revista Observatório do Itaú Cultural*, n. 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

GONÇALVES, Renata de Sá. Cronistas, folcloristas e os ranchos carnavalescos: perspectivas sobre a cultura popular. *Revista Estudos Históricos*, n. 32, p. 89-105, Rio de Janeiro, 2003.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MARTINS, Jhonatan da Silva. *Manifestações culturais em São João da Barra: A festa de Nossa Senhora da Penha*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Políticas Sociais. UENF, Campos dos Goytacazes-RJ, 2019. 126fls.

MARTINS, Leda. Oralitura da memória. In: FONSECA, M.N.S. (Org). *Brasil afro-brasileiro*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OLIVEIRA, José Luiz de. Pequena História do Carnaval Carioca: De suas origens aos dias atuais. *Revista Encontros*, v. 10, n. 18, p. 61-85, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SETENTA, Jussara S. *O fazer dizer do corpo: dança e performatividade*. Salvador, EDUFBA, 2008.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.